

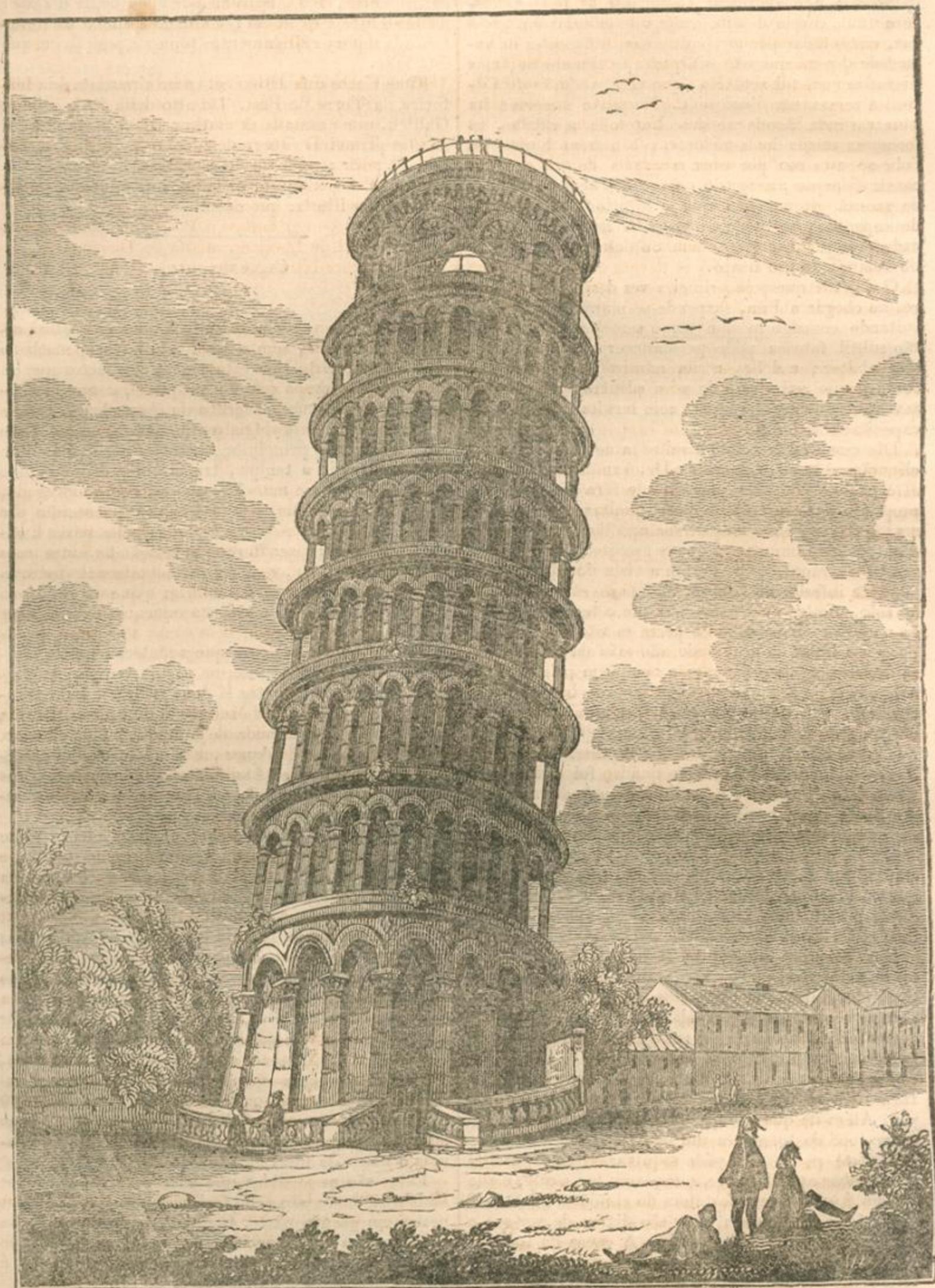
O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

43) PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. (FEVEREIRO 24, 1838)



TORRES INCLINADAS.

HA' NA EUROPA algumas destas singulares torres: contudo a que damos como amostra em a nossa gravura, não só é das mais notaveis pela extraordinaria inclinação, como também está na cathogoria dos edificios celebres da Italia pela sua antiguidade, fórma elegante, e riqueza dos marmores. E' perfeitamente cylindrica, tem de diametro na base 51 pés, e d'altura 175; consta de oito ordens de galerias em arcadas, sustentadas por 207 columnas, differentes na variedade dos marmores, esculptura, e dimensões; mas dispostas com tal artificio, que esta confusão de fórmas diversas não desagrade. Na parte superior ha uma varanda donde se descobre toda a cidade, as formosas veigas dos arredores, e o mar no horisonte. Sobe-se ao cimo por uma escadaria de 295 degraus construidos no maciço do muro, que tem 18 palmos de grosso, de maneira que o interior fica vazio, e desimpedido, ao modo de poço. A inclinação da escada produz, nos que sobem ou descem, os effeitos do balanço de um navio.

O viajante que pela primeira vez descobre esta torre, ao chegar a Pisa, suspende-se maravilhado, consultando consigo mesmo como semelhante mole de tão subtil fabrica póde permanecer assim suspensa sem abater; e dobra a sua admiração quando lhe contam que assim está de pé o edificio, affrontando as vicissitudes do tempo, ha seis seculos e meio, sem experimentar lesão.

Diversas são as opiniões sobre a causa de sua inclinação. Alguns, entrando o Dr. Arnold auctor d'uns *Elementos de Physica*, pensam que fôra construida de proposito para assombrar ou sobresaltar os espectadores; e citam, em abono de sua opinião, a existencia d'outros monumentos, a que os architectos deram um *pendor* extraordinario. Porém a vista do edificio, cuja parte inferior do lado da inclinação está enterrado no solo, mostra evidentemente que o terreno se alúrra naquella direcção. Se a torre se não derrocou foi porque a linha de gravidade não saíu da base, e não se deslocaram as peças que a compõem pela rijeza e adherencia da argamassa. Uma Senhora ingleza [miss Strake], que viajou na Italia ha annos, fez uma observação que confirma esta ultima opinião. Achou no *Campo Sancto* um quadro que representa a *prumo e recta* a torre de Pisa: este quadro foi pintado em 1500, isto é, mais de cem annos depois da construcção deste campanario: logo não foi elle construido expressamente com a inclinação que lhe vemos.

Da torre inclinada de Saragoça [cidade de que tractámos em o n.º 35 do Panorama] também referem que os alicerces deram de si durante a construcção, e que o architecto no restante desta, aproveitando o incidente, desenvolveu a sua pericia.

Em Bolonha, também na Italia, existem duas torres semelhantes, que parece foram edificadas por particulares, durante as dissensões civis da idade media, para se acolherem. Em Inglaterra a mais notavel das torres inclinadas é a de Caerphilly no Glamorganshire: guardadas as proporções, o seu *pendor* é mais forte que o das outras de que fallámos, porque tem d'altura 70 a 80 pés, e resalta da perpendicular onze pés. Além de que occupa uma posição singular: logo ao sopé da torre fica um lago; e quem a contemplar deste ponto não póde esquivar-se ao temor de ver desabar aquella mole, que parece vai a cair, e que apenas é sustida pela fortaleza do cimento. As ruinas do castello onde está a torre são dignas de ver-se, e distam nove milhas de Cardiff. A causa da inclinação da torre é extraordinaria. Eduardo 2.º; tão infeliz como homem, e como monarcha, foi com os seus

validos, os Spencers, cercado naquelle castello em 1526 pelas tropas da rainha. A resistencia foi longa e pertinaz; e entre os meios que empregaram para a vencer construíram, encostada á torre, uma fornalha onde derretiam metal para arremeçar contra os cercados: estes aproveitaram a vantagem momentanea de uma sortida para inutilisar a grande quantidade de metal que estava em fusão, e ou por ignorancia, ou de proposito, lhe lançaram por cima copia d'agua: foi por tanto a explosão tão violenta, que a torre arrancada dos seus fundamentos tomou a posição em que está hoje.

Findaremos este artigo com uma circumstancia historica da Torre de Pisa. Do alto della fez o celebre Galileu, que ensinava as mathematicas nesta cidade, as suas primeiras experiencias sobre a queda dos graves. O povo acudia a este espectáculo, e applaudia muito; e daqui datam os odios e invejas dos perseguidores do illustre geometra.

CHRONOLOGIA.

I

DAREMOS n'uma serie de artigos uma idéa geral sobre esta sciencia, sem a qual não haveria methodo na historia, visto que esta tracta dos factos que se passaram no tempo que foi ou que é, e que as partes desse tempo são o objecto da chronologia.

Deixando a chronologia mathematica, cujo objecto é demonstrar os principios naturaes, por que se deve ou póde medir o tempo, tractaremos daquella que aponta as diversas maneiras que se teem empregado, para medir a duração, e distinguir a successão dos tempos, e que teem sido adoptadas pelos povos antigos e modernos, fazendo ver que relação ha entre essas medidas e divisões, e as de que actualmente usamos. E' esta a chronologia da historia, que sem ella, logo degenera em fabula, e por consequencia deixa de ser historia.

Tudo o que existe, ou que acontece, existe n'alguuma parte, ou acontece em algum tempo. As partes do tempo teem entre si duas relações, a de grandeza ou *duração*, e a de successão ou *ordem*; isto é; uma porção determinada de tempo é maior, menor, ou igual a outra qualquer, e também ou lhe precede, ou lhe succede. Assim a chronologia tem duas divisões, a que tracta da duração das partes do tempo, e a que tracta da sua successão.

Para medir o tempo o chronologista adopta como unidade certas porções de tempo bem assentadas e communs, como o anno, o mez, o dia, e examina quantas vezes estas porções cabem n'um tempo determinado.

As revoluções do sol e da lua, desde antiquissimas eras pareceram aos homens medidas azadas, para regular o tempo. Estas revoluções são, no sol, a que elle faz de um tropico a outro, e que forma o anno com as quatro estações, e a que o mesmo astro faz em 24 horas, o que produz isso a que chamamos um dia. Na lua ha também dois movimentos uniformes, um á roda da terra em pouco mais de 24 horas, outro pelo zodiaco, no qual gasta pouco menos de 30 dias, durante os quaes ella apresenta quatro *phases* ou quartos, que formam uma medida certa a que damos o nome de mez.

Estas são as medidas que offerece a natureza: as mais que temos são arbitrarias, posto que fundadas nestas em grande parte. O anno por exemplo, podia começar-se n'outra epocha differente daquella em que o começamos: o dia podia principiar ao meio-dia, á meia noite, ao pôr ou ao nascer do sol.

Ao primeiro aspecto, pareceria que para dar uma idéa das diversas divisões do tempo, o methodo mais conveniente fôra seguir a ordem successiva da duração, ou começando pela mais pequena divisão, ou pela maior; porém não é assim. Impossível é fazer idéa da divisão maior [o anno] ou da mais pequena [o segundo] sem conhecer as partes intermedias. De todas as divisões, o dia é a unica independente das outras, e de que se pôde ter noção, antes de saber, por um lado, o que são horas, minutos, e segundos, e do outro, o que são mezes e annos. Assim é do dia que primeiramente tractaremos.

O *dia natural* é o tempo que vae do nascer até o pôr do sol: a *noite natural* é o que vae desde que este astro desaparece no occidente até que torna a surgir no oriente. Como a duração do dia natural augmenta progressivamente desde o solsticio do inverno, e que na mesma proporção diminue desde o solsticio do verão, o dia natural não é conveniente para servir de unidade para medir o tempo. Viu-se que era precisa uma unidade de duração immutavel, e os legisladores a determinaram, considerando como um todo o dia natural juncto á noite natural. Com effeito, como a noite augmenta ou diminue na mesma proporção em que cresce ou decresce o dia, é evidente, que em toda e qualquer epocha, a sua reunião constitue uma duração certa. A esta reunião é que se chama *dia civil*.

Pouco importava o fixar-se o principio do dia civil no momento em que nasce o sol, no seu occaso, ou quando está mais a prumo: por isso os povos teem variado neste ponto. Os babilonios e persas começavam o dia pela madrugada, e os gregos modernos ainda seguem este systema: outros povos, como os judeus, os athenienses, os germanos, os gallos, entre os antigos, e os arabes e italianos entre os modernos, o principiavam ao pôr do sol: emfim os umbrios, antigos povos da Italia lhe davam começo ao meio-dia. Os astrónomos dão preferencia a este uso, porque o momento em que o sol está mais elevado acima do horizonte é o que se pôde fixar com a maior exacção. Além do que, o ponto em que então se acha este astro, vê-se de toda a parte, em quanto os do seu nascimento e occaso variam continuamente, e muitas vezes estão obscurecidos por nuvens e nevoeiros, que impedem o observa-lo.

Foram os romanos os primeiros que começaram o dia á meia-noite, e o seu exemplo foi imitado por todos os povos da Europa. Não é tal uso fundado em motivo algum natural, porque nenhum signal nos dá a natureza, por onde hajamos de saber que a noite chegou ao seu meio. Só com o adjutorio dos meios artificiaes, com a divisão do dia em horas, e por via dos relogios, é que se pôde vir a fixar o momento da meia-noite.

Foi, porém, a natureza quem ensinou a dividir o dia em diversas partes, segundo os phenomenos que apresenta o sol, conforme a claridade augmenta ou diminue. Taes eram as dezeseis partes em que os romanos repartiam o dia civil. Sendo, comtudo, muito arbitrarías e pouco determinadas estas divisões naturaes, foi preciso faze-las mais commodas e regulares, o que só com a invenção de instrumentos que repartissem artificialmente o espaço do dia, se podia alcançar. Os primeiros instrumentos desse genero que se inventaram, como os relogios de sol, os d'agua, e as ampulhetas, foram muito imperfeitos. Os nossos relogios, machinas assaz complicadas, que vem optimamente para o intento, são uma invenção da idade media, tanto, que os d'algiheira só se começaram a fazer em Nuremberg no seculo 15.^o

Da-se o nome de horas ás divisões artificiaes do

dia. Alguns povos, como os judeus, os antigos gregos, e os romanos dividiam o *dia natural* em 12 horas, e a *noite natural* em outras tantas. Chamam-se estas horas deseguaes; e de feito não são as mesmas em differentes estações e differentes paizes; a sua desigualdade augmenta ao passo que qualquer paiz está afastado do equador, e proximo dos pólos; e ainda no mesmo paiz, augmenta desde os equinoxios até os solsticios, e decresce desde os solsticios até os equinoxios. Em rasão de semelhante inconveniente, abandonou-se a divisão em horas deseguaes, que fô substituída pelo dia civil em 24 horas eguaes. Todas as nações adoptaram o novo systema, mas não contam as vinte e quatro horas a fio: desde a meia noite vão até 12 que corresponde á ametade do dia, e daí começam a contar outras 12 até a ametade da noite.

Só os italianos conservaram até o nosso tempo outro modo de contar as horas. Começavam ao pôr do sol e iam contando até 24 horas. Este systema encerrava dois inconvenientes: não estava em harmonia com o dia civil, e as horas não cahiam sempre ás mesmas horas em todas as estações; porque o pôr do sol varia com ellas. Há já uns poucos de annos que este modo de contar foi supprimido.

Tambem os astrónomos contam de uma até vinte e quatro horas; mas começam ao meio-dia.

Os antigos babilonios dividiam o dia civil em 12 horas: é, portanto, uma hora em babilonia igual a duas horas communs.

Os astrónomos dividiram as horas do dia civil em sessenta partes eguaes que chamam minutos; cada minuto se subdivide em sessenta segundos, e cada segundo em sessenta terceiros; mas estas pequenas divisões não teem applicação na chronologia.

O EXERCICIO.

Lição hygienica e moral.

UM MANCEBO de muito bom juizo, e bastante sagaz, que andava viajando para aperfeiçoar sua educação, começada por estudos regulares e bons exemplos, indo seu caminho encontrou um dia muitas mulheres formosas, tão entretidas que nenhuma deu fé delle. “Admira isto — disse consigo o viajante. Movido da curiosidade chegou-se a uma, e perguntou-lhe o que procurava com tanta applicação. Bastou isto para chamar alli todas as outras companheiras, a tempo que ella respondia. “Ah senhor! procurâmos por estes campos ha oito dias, e sem resultado atégora, um bixinho chamado basilisco. — E com que intuito, [tornou o mancebo] se o caso não é de melindroso segredo? — O rei nosso amo [respondeu a senhora] está muito mal; tem fastio de morte, tudo o enfada, e a febre o consome. O seu medico, doutor afamado, lhe prometteu cura-lo logo que podesse obter-se um caldo de basilisco; mas como este animal é rarissimo, ao que parece, o nosso principe, que é solteiro, prometteu dar a mão d'esposo áquella que... — Bem percebo, [interrompeu o viajante] o doutor tem rasão; mas infelizmente não achareis o basilisco; o ultimo morreu á minha vista; conservei-o empalhado, como curioso naturalista; mas eis chegada a occasião de fazer um serviço á formosura. Difficil seria com um animal extinto ha annos preparar um caldo; porém eu posso dar-vos outra receita igualmente effizaz para o aproveitar. Enrolai-o bem, fazei-o n'uma bola, e em logar da palha que tem, substitui macio algodão: esta pelota deve o rei atirar e apanhar n'algun vasto corredor, ou salão, pelo menos cem vezes

de manhã, e outras tantas á tarde, em cada um dia. Estai presente, senhora, e auxiliai-o, vereis em tempo breve coroar feliz resultado as vossas esperanças. E se tão pouco serviço é digno de gratidão, dignai-vos algumas vezes lembrar-vos de F., e da sua tenue dadiva. —

Com effeito o rei fez o remedio do viajante e achou-se bom: dentro em quinze dias comia bem, e estava curado. Sua magestade tinha jogado á pella com todo o afincio, e feito bastante exercicio sem o pensar.

Nada convém tanto ao homem, como o movimento: o trabalho chama o appetite, facilita e melhora a digestão; e causa um somno tranquillo e profundo. A ociosidade gera o aborrecimento, a saciedade, a insomnia, e a frouxidão. Creado para procurar o sustento por suas proprias mãos, o homem ás vezes satisfaz mal ao seu destino. Tudo em a nossa organização parece disposto para o movimento; cada acto da vida d'elle necessita. Não deve pois estar ociosa esta mola da existencia deixada á nossa descripção. Felizmente a cada segundo pulsa o nosso coração por si mesmo, e do mesmo modo cada quatro segundos o pulmão se enche d'ar; porque razão a nossa perguiçosa vontade, com vezes no dia deixará apagar esta chamma celeste que se ateia dentro em nós? — A actividade é a alma da vida physica; e tem poderosa influencia na moral, occupando os sentidos, e banindo os vicios.

Homem opulento, não tolereis a ociosidade dos vossos orgãos, assim como não consentís na dos vossos domesticos. Nestes ella produz maus habitos; e naquelles produzirá enfermidades e soffrimentos. Cultivai o vosso jardim, que vos servirá de recreio e de utilidade; ahi respirareis um ar mais puro, impregnado de perfumes naturaes e salutiferos.

A agricultura, exercitada com as commodidades da vida ordinaria, faz os homens melhores, mais brandos, mais alegres, e soffredores; tem a vantagem de nos ligar ao futuro pela esperanza. Inspira gostos simples, e facilita a practica das virtudes; cicatriza as feridas da ambição, e deixa esmorecer as paixões prejudiciaes, que o tracto das grandes cidades alimenta.

Não se segue do que dizemos que o homem não tenha repouso, que esteja em perenne e fadigoso exercicio. Porque o homem deve trabalhar, não ha de insanamente esgotar as suas forças. A mocidade carece de bastante acção, mas esta sem cansaços, nem perigosos obstaculos. Os accidentes difficultosos são raros na vida; e o habito do trabalho moderado prepara para os sobrepujar em caso de aperto. É esta uma razão de mais para poupar prudentemente as forças. A regra, que aponta os extremos viciosos, em nada é tão verdadeira como nos exercicios physicos.

A acção dos braços, assim como o caminhar acelerado, agita o coração, activa a respiração, e faz o pulso mais e mais frequente. O pulso do homem tranquillo, e repousado, bate de 65 a 75 vezes por minuto; e a respiração, no mesmo espaço de tempo, renova-se de 16 a 18 vezes. Mas quando o corpo se muda com rapidez, ou obra com fervor, o pulso bate mais veloz, e as respirações multiplicam-se. As pulsações do coração e das arterias sobem gradualmente de 30 a 35, e ás vezes a 90 por minuto; e então o corpo se achá mais excitado, a transpiração é mais copiosa, a pelle se alaga de suor. Eis-aqui exactamente o grau d'acção que convém evitar, ou onde é mister parar; porque não poderia prolongar-se sem fadiga, nem renovar-se sem fraqueza. Este genero d'acção tem os mesmos effeitos que a febre, que as paixões e seus excessos. Em taes circumstancias a energia da vida parece dez vezes maior, mas isto mesmo lhe diminuiria a força, e lhe encurtaria a duração.

Ha comtudo organizações tão robustas, corações apparentemente tão socegados, que a acção ainda que violenta, raramente lhes causa os resultados, que mencionámos. Napoleão, cujo pulso batia de ordinario só 49 a 50 vezes por minuto, nunca experimentava, nem até nos descampados d'Africa, suores debilitantes, ou grandes cansaços. O seu pulso nunca subia áquelle grau, que denota ou motiva uma transpiração forçada. Sem duvida que este raro privilegio, tão precioso n'um guerreiro, favoreceu grandemente o seu genio.

Nem todos são egualmente dotados: é sempre prudente ceder á fadiga, assim como cedemos á sede e á fome: estes estimulos será bom retardá-los, mas nunca exasperá-los. No primeiro caso ganhámos o habituar-nos ao soffrimento; no segundo necessariamente prejudicámos a saude, que uma vez perdida difficil é de reconquistar.



RANDJIT-SING — REI DE LAHOR.

A AMBIÇÃO de possuir dominios, e de adquirir gloria, que instiga os animos dos conquistadores; e a es-perteza diplomatica nas intrigas e negocios politicos, que muitas vezes consegue mais que a força das armas, tambem teem seus proselytos entre as nações menos civilizadas. O genero humano, differente nas physionomias, segundo as diversas regiões da terra, é todavia parecido na pluralidade das paixões, e sentimentos moraes, como nas mais urgentes necessidades physicas. Quem pensaria que n'um paiz da Asia central existiria um pequeno Bonaparte? . . . Porém de facto existe, e é o potentado da India, cujo retrato offerecemos aos nossos leitores. — Randjit-Sing, á frente da nação dos Sikes, estabeleceu de fragmentos dispersos um dominio solido; pôde-se dizer que fundou o reino

de Lahor, ora conquistando, ora intrigando, e desenvolvendo a par do talento guerreiro a habilidade do estadista. Invadiu paizes, tomou cidades, cobrou tributos, recolheu despojos, fez tractados vantajosos, sabendo aproveitar as alternativas da guerra, e da paz. Quando os marattás estavam em guerra aberta com os Inglezes pertenderam attraí-lo ao seu partido; mas a prudencia e perspicacia de Randjit-Sing evitou desfructivamente estas propostas d'alliança contra um inimigo influente e poderoso, sem todavia quebrar as relações d'amizade com o chefe dos marattás: este procedimento resolveu os inglezes a conservarem-lhe a posse tranquilla de seus estados. Accomettendo porém dahi a pouco uma nação visinha, esta implorou o auxilio britannico; não obstante isto o rei de Lahor insistio em seu projecto de conquista; mas conhecendo em breve a vantagem da disciplina europea contra a superioridade numerica, apressou-se a concluir um tratado pelo qual se obrigou a desistir das suas tentativas a leste do Settedj. Desde 1309 manteve-se em boa harmonia com os inglezes, e soube alargar sua ambição para outras partes.

Nem só Mahomet-Ali, e o emprehendedor sultão actual, tem disciplinado e organizado seus exercitos á europea: o monarcha de Lahor, em paizes mais remotos, tem feito outro tanto. Collocou á frente de suas tropas 2 officiaes do exercito de Napoleão, que se lhe apresentaram em 1822, e captivaram a sua confiança: estes officiaes são Mr. Ventura, italiano por nascimento, e Mr. Allard, francez, que deixaram a França depois da batalha de Waterloo, escapando milagrosamente ás reacções realistas das provincias meridionaes, onde succumbiu o seu commandante o marechal Brune. Serviram primeiro na Persia, donde partiram para Lahor convidados pela fama de Randjit-Sing, que os acolheu benignamente, e empregou com distincção. Mr. Allard é o generalissimo das tropas deste monarcha; e em 13 de Dezembro de 1835 o rei Luiz Philippe promulgou um decreto permittindo áquelle official continuar no exercicio do seu cargo sem perder a qualidade e os direitos de francez.

Randjit-Sing está bem longe de ser um modelo de virtudes, falta á palavra e á justiça quando lhe convém, não tem os melhores costumes, e é caprichoso, e pertinaz, como um despota oriental. É louco por cavallo bons, e capaz de empenhar-se n'uma guerra sanguinolenta para haver d'um estado visinho um cavallo que lhe recusem dar ou vender. Não póde negar-se-lhe muita valentia, qualidade rarissima nos principes do Oriente; mas ainda que das suas expedições militares tenha sempre saído bem, mais em virtude de tractados, e negociações perfidas, que pelas vantagens de suas armas conseguiu elle subir de simples particular a rei absoluto do Pendjab e Cachemira.

O seu exercito compõe-se de 82:000 homens, e de 100 bocas de fogo. Estas forças militares, tão numerosas e bem organisadas, no meio de nações incultas, parece que promettem alguma duração ao reino de Lahor: contudo duvida-se que este estado, obra da politica das circumstancias, sem raizes nacionaes, sem missão intelligente e caracteristica, sobreviva ao seu fundador: e até o herdeiro presumptivo é geralmente reputado incapaz do regime dos negocios publicos. Muitos tem sido os imperios da Asia, que surgiram de repente, subitamente se engrandeceram, e com a mesma velocidade se aniquilaram logo que a mão creadora da sua existencia e gloria se retirou, ou a gelou a morte!

D. LUIZ D'ATTAIDE.

O CELEBRE D, Luiz d'Attaide, militou nos estados

da India na sua primeira mocidade, e voltando dahi a Portugal passou a servir nas praças fronteiras de Africa. Nomeado embaixador ao imperador Carlos 5.^o partiu para a Alemanha, onde então o imperador andava em guerra com os protestantes. Quando D. Luiz chegou estava Carlos 5.^o para dar uma batalha ao eleitor de Saxonia, e o embaixador portuguez immediatamente entrou nella como soldado, tendo então occasião de salvar o estandarte imperial. A' volta desta missão foi nomeado vice-rei da India. Foi aqui onde elle immortalisou o seu nome, restituindo o antigo esplendor ao imperio portuguez no Oriente, o qual já pendia para a sua ruina. Não só defendeu o antigo territorio que possuíamos, mas accrescentou-o. Sustentou varios cercos, dos quaes um dos mais notaveis foi o de Gôa contra o Idalcão. Acabado o seu governo voltou a Portugal, onde tal ruido tinham feito as suas façanhas, que foi recebido com pompa nunca antes vista. Nomeado segunda vez vice-rei da India, o seu nome bastou para conter a ousadia dos reis daquellas partes. Morreu D. Luiz em Gôa, antes de ter completado o tempo do seu segundo vice-reinado.

Deste vice-rei se contam varias anedotas assaz curiosas. Vindo certa vez um troço de portuguezes de uma expedição militar, chegou a elle para lhe beijar a mão um dos capitães, o qual não se tinha portado bem no conflicto: o vice-rei, fugindo com a mão, lhe disse em tom severo; *ide beijar a mão de vossa mãe*. No cerco de Gôa, andando uma noite vigiando as diversas estancias, ouviu tres soldados que murmuravam delle; e o que mais soltamente o fazia, era um certo Almada, homem de grande esforço mas de muito má lingua. Chegou o vice-rei, e sem se dar a conhecer, começou a desculpar-se; porém o soldado não o quiz ouvir, e acabou por lhe dizer, que elle seria tão bom como o vice-rei; e sem mais esperar arrancou da espada: fez o vice-rei o mesmo; e sendo ambos muí destros e valentes brigaram por bom espaço, até que o Almada foi ferido. Então o vice-rei se deu a conhecer, e accrescentou: *já que sois tão bom cavalleiro, tomae esta minha capa, que vos quero conhecer por ella*: era uma capa vermelha cuberta de bordaduras de ouro: e fingindo que se ía voltou atraz, e disse: *ah! sim: dae agora cá a vossa, não vos gabeis amanhã, que me fizestes despir a minha*. Dahi a pouco tempo procurou-o o mesmo soldado para lhe pedir lhe adiantasse o soldo: o vice-rei, para o ouvir, lhe respondeu seccamente, que não havia dinheiro. “*A um soldado como eu [replicou o Almada] não se adiz que não ha dinheiro; mas busca-se e dá-se-lhe.*” “*E vós não sabeis [tornou o vice-rei] que esse nome de soldado só o merece D. Nuno Alvares Pereira, o Grão Capitão, [*] e eu?*— Então o Almada, pondo-se de um salto na rua, puxou da espada, dizendo: *E quem não disser que eu sou o quarto, saia cá para fóra*. Gostou o vice-rei muito daquella arrogancia, e deu-lhe quanto dinheiro elle quiz.

A IMPRENSA PERIODICA EM INGLATERRA
EM DEZEMBRO DE 1837.

A BREVE noticia, que vamos dar, e que mostra a prodigiosa circulação dos jornaes na Graã-Bretanha, e reinos unidos a esta corôa, servirá para dar aos leitores uma idéa do quanto se lê naquelle paiz: observaremos de passagem que a pluralidade dos semanarios litterarios, que se publicam aos sabbados, não só comprehendem artigos historicos, ou de utilidade

(*) Gonçalo Fernandes de Cordova, celebre general hespanhol, chamado por excellencia o grande capitão.

practica, mas tambem muitos, e assaz extensos, sobre materias scientificas abstractas; e são estes os jornaes, que extraem o maior numero de exemplares.

O numero de gazetas publicados em Dezembro ultimo nos tres reinos-unidos da Graã-Bretanha foi de 370: destes jornaes 51 se imprimem em Londres, 190 nas provincias d'Inglaterra, 53 na Escocia, 76 na Irlanda. A quantidade de papel, que consomem monta a 90:000 resmas. O numero d'obras periodicas semanacs — que não são gazetas, e que se publicam em Londres anda — por 50. A venda semanal do *Jornal das Camaras*, do *Penny Magazine*, do *Saturday Magazine*, do *Espelho*, do *Magazine da igreja d'Inglaterra*, e de varios outros tambem importantes e acreditados, é pouco inferior a 200:000 exemplares. Estas publicações semanacs classificam-se por materias da maneira seguinte:

- 6 Sobre assumptos religiosos.
- 2 De critica litteraria. —
- 1 Criterio musical.
- 4 De Sciencias Medicas.
- 2 Scientificos.
- 2 De Advocacia.
- 13 De Miscellanea, ou de varia erudição. A esta classe pertencem os de maior extração.
- 5 Contos e historias.
- 7 Tentativas joviaes.
- 1 *Sporting Slang* —

—

48
— Deste numero 21 são do preço de um penny, 3 de 1½ pen., e 7 de 2 pence. Os restantes são de preços mais altos até 8 pence.

O numero dos jornaes mensaes publicados em Londres não tem rival na Europa. No fim de cada mez saem dos prelos 236 destas obras periodicas, além de 34 que se publicam por trimestres, como o *Quarterly Review*; fazendo todas 270. — Destas 58 são dedicadas á litteratura geral; 48 a diversas sciencias, á historia natural, &c.; 46 aos assumptos religiosos e místicos — muitos destes são órgãos de seitas particulares; 4 são historias d'Inglaterra dadas á luz periodicamente; 17 são obras divididas em partes, que saem aos volumes; 20 são especiaes das bellas-artes; ou pertencem á topographia, ou são galerias de retratos ou pinturas; 6 destinam-se ás modas. Muitos dos restantes são periodicos baratos, para a instrucção e educação de creanças. —

Um livreiro, muito versado nesta materia, affirma que as obras periodicas vendidas no fim de cada mez sobem a 500:000 exemplares, cujo preço regula por 25:000 libras esterlinas; mais de cem contos de réis.

DURAÇÃO DA VIDA DOS VEGETAES.

Todos sabem que ha uma prodigiosa differença na duração dos vegetaes ou plantas. Algumas vivem apenas poucos mezes, ao passo que outras chegam a viver mil annos. Não obstante ser grandissima a diversidade na vida dos vegetaes, os naturalistas os distribuiram em tres classes, pelo que diz respeito á duração: 1.^a dos que nascem na primavera e morrem no outono; 2.^a dos que vivem dois annos; 3.^a daquelles cuja vida abrange um periodo de quatrocentos ou mil annos. As plantas cuja haste é tenra e sumarenta, e que teem órgãos delicados, não duram mais de um anno, ou dois quando muito, em quanto as que teem succos mais concretos, e órgãos mais robustos, vivem muitos annos. Das plantas de curta duração, as que

são quasi inteiramente privadas de sabor e cheiro, não vivem de ordinario tanto tempo como as plantas muito odoríferas e que abundam em saes volateis. Os cereaes, por exemplo, não vivem além d'um anno, mas o tomilho commum, a mangerona, a losna e o hyssopo duram muitos annos. Os arbustos contam sessenta até cem annos de vida, e está provado que a vinha ainda dá fructo aos cem annos. A hera excede ás vezes um seculo; as arvores sylvestres, como o carvalho, o castanheiro, a faia, a palmeira, o zambujeiro, a amoreira, e principalmente o cedro, chegam a viver mil annos. Ha na Sicilia um castanheiro, chamado o castanheiro dos cem cavallos, que parece ter esta idade.

No *Annual Register* de Dodsley, de 1785, faz-se menção d'um carvalho de Langley-Wood, propriedade do bispo de Salisbury, perto de Downton, no Willsture, que se julgava ter perto de mil annos; e ha poucos tempos foi cortada, em Morley, outra arvore da mesma especie, que tinha mais de oito seculos de idade, e debaixo da qual havia jantado o Principe Negro, nome dado ao filho de Eduardo 3.^o rei de Inglaterra.

Em geral não é longa a vida das arvores que crescem rapidamente, como os pinheiros e os chòpos; pelo contrario o carvalho, que cresce mui lentamente, e cuja madeira é mui rija, chega a uma idade avançadissima. As arvores que produzem fructos doces e saborosos, tambem não vivem commumente tanto como aquellas cujo fructo é amargo ou insipido. Outra differença observada vem a ser, que as arvores que dão fructos semelhantes ás nozes vivem mais tempo do que as que dão vagens ou fructas de caroço; todavia a maceira, o damasqueiro, a cerejeira, e o pecegueiro, chegam aos sessenta annos, e a mais ainda, quando ha cuidado em lhes limpar o musgo. Geralmente as arvores cultivadas não vivem tão longo tempo como as selvaticas. Quando todos os annos se lavra ou cava a terra em que estão cravadas as raizes das arvores, consegue-se que ellas brotem mais quantidade de folhas e maior cópia de fructos, mas cumpre observar que esta cultura lhes encurta o tempo de vida. Póde-se fazer com que uma planta dure muito tempo, cortando-se e decotando-se a miudo. A alfazema cortada frequentes vezes vive mais de quarenta annos.

ORIGEM DE CARLSRONA.

CARLSRONA, cidade da Suecia, e arsenal da marinha sueca, foi edificada por Carlos 11.^o: contém hoje 15000 habitantes, e está situada em uma ilha. Quando Carlos 11.^o a quiz fundar foi pessoalmente lá para determinar onde se deviam erguer os principaes edificios. Pertencia então a ilha a um camponez chamado Anderson, homem abastado, e muito teimoso. Fallou-lhe elrei e disse-lhe: “Quero comprar a tua ilha para aqui ter a minha armada”: — “Tem isso uma dificuldade, tornou o rustico, que é não haver eu ainda dado para isso o meu consentimento.” Atalhou então elrei: “Mas eu não t'a quero tirar; quero comprar-t'a.” — “Não se vende por ora:” replicou o camponez. Depois de muitos dictos semelhantes de parte a parte, elrei começou a arreneçar-se, e disse-lhe: “Olha que essa teima póde custar-te a cabeça.” — “Tambem isso não é lá muito facil”, respondeu Anderson. Metteram-no na cadeia; mas elle persistiu em quanto não se enfadou de estar á sombra. Por fim determinou-se a vender a ilha e a acceitar a somma que por ella lhe offereciam.

OS COMMENTADORES JUDEUS.

A ESCRITURA-SANCTA tem sido para os doutores judeus objecto de numerosos commentarios. E' impossivel imaginar todas as fabulas por alguns delles introduzidas na explanação do que está escripto na Biblia tocante ao paraiso terrestre e seus primeiros habitantes. Alguns chegaram até a calcular a estatura de Adão, que era, lá pelas suas contas, de *cento e oitenta braças*, e a dar como certo que se tinha seguido de geração em geração a diminuição desta estatura até á dos homens do nosso tempo; outros affirmaram que Adão sabia perfeitamente a algebra e a geometria, e tinha vastos conhecimentos das bellas artes, e em geral de tudo que é da alçada do espirito humano; nem mesmo escapou Adão á tradição dos alchimistas que o alistaram á força na sua confraria. Deve-se porém confessar que em todos estes desvarios, parto de alguns individuos sómente, e que nunca receberam a approvação geral dos judeus, resplandece uma imaginação inteiramente oriental, e digna de competir com a dos arabes. Até é evidente que grande parte das idéas mais curiosas das *Mil e uma Noites*, nomeadamente o que respeita á magia e ao tão decantado anel de Salomão, é um reflexo dessa poesia hebraica da segunda ordem. As escripturas judaicas não acabam, como as que os christãos adoptaram, na vinda de Jesu-Christo; porém vão por diante, como era natural, pois que os judeus não admittem por modo algum a realidade do successo, que é a base fundamental da religião christã. A principal collecção destas escripturas judaicas é conhecida com o nome de *Talmud*. O texto, a que propriamente se dá o nome de *Mischna*, tem sido explicado em avultado numero de commentarios, uns sisudos, outros cheios de exuberante imaginação.

Eis-aqui, segundo o Talmud e os seus commentarios, uma idéa do grande banquete que o Messias ha-de dar no paraiso aos eleitos no dia de juizo: é o *banquete do leviathan*. O primeiro prato do jantar é o *béhémóth* ou boi selvagem: este animal foi creado com os outros animaes no quinto dia da criação; porém Deus lhe tirou a faculdade de reproduzir-se, porque multiplicando-se a especie infallivelmente mudaria o mundo n'um deserto, visto que o tal animalinho come diariamente, um quasi nada, a *herva que cresce em mil montanhas*, que lhe servem de pascego; mas esta herva renasce todas as noites. Ao *béhémóth* segue-se o *leviathan*: este é um peixe que data tambem da epocha da criação, e é tamanho, que toda a terra descança sobre uma das suas escamas. O leviathan, bom proveito lhe faça, come cada dia um peixe que tem quinhentas leguas de comprimento. Quando se der o jantar será este peixe morto pelo Anjo Gabriel. A fêmea da mesma raça, morta por Deus desde o dia da criação, figurará no banquete como peixe salgado. Segundo outros commentadores offerecerá Deus aos eleitos o espectáculo d'um combate entre o *béhémóth* e o *leviathan*, no qual estes dois animaes gigantes hão-de matar-se um ao outro. Acabará o banquete com a distribuição da carne do passaro *ziz-sadai*. Esta ave, que parece haver inspirado aos auctores dos contos arabes a invenção do seu famoso passaro *roch*, de que certamente estão lembrados todos os que teem lido as *Mil e uma noites*, eclipsa o sol todas as vezes que lhe acontece abrir as amplas azas; um ovo que lhe cáia do ninho esmaga tresentos cedros, e se acaso se quebra, peior um pouco, inunda sessenta aldéas. A pelle do leviathan, mais rica e deslumbrante do que as pedras preciosas, será repartida pelos convidados em

quantidades proporcionaes aos seus meritos, e servir-lhes-ha para ricos e maravilhosos ornatos.

Parece-nos que isto bastará para dar uma idéa destes singulares arrojos da imaginação.

A RESPOSTA OUSADA.

LOPO Soares de Albergaria, succedêra no governo da India ao grande Affonso d'Albuquerque. No tempo do seu governo aconteceram aos portuguezes alguns revezes naquellas partes, revezes que o esplendor das victorias d'Albuquerque tornava tanto mais notaveis. Voltando Lopo Soares ao reino foi mal-recebido delrei e dos cortesãos, o que fez com que logo saísse da côrte, retirando-se para Torres-Vedras. Passados tempos mandou-o elrei chamar: o Albergaria, irado pelo mau tractamento que recebera, respondeu ao mensageiro: "*Dizei a S. A. que se me manda chamar para me cortar a cabeça, que nesta villa tem pelourinho: se para me tomar a fazenda, que lá a tem na casa da India: se para me fazer mercês, que eu as escuso*". Esta resposta não moveu a colera delrei; mas tambem não o incitou a premiar os serviços de Lopo Soares, que morreu esquecido, como aconteceu a muitos outros capitães portuguezes, que mais meritos e serviços tinham do que elle.

DICTOS NOTAVEIS DELREI D. JOÃO 4.º

NINGUEM é rico senão em quanto não deve, o que se não póde evitar todas as vezes que a despeza excede a receita, e assim toda a economia é justa e necessaria. O senhor rei D. João 4.º não só a praticava com a sua real pessoa, mas queria que os seus creados a tivessem; de tal sorte que vendo um dia meu pae, que tinha a honra de ser seu trinchante-mór, com um porteiro guarnecido com uma rendilha de prata, lhe disse: "*Vindes mui bizarro, meu D. Antonio, mas nunca fui tão rico, que pudesse ter outra semelhante; e assim era porque sempre se vestiu de estamemha: e por dar um notavel exemplo de economia, quando repartia entre os seus creados os coelhos, que matava na tapada, queria que os seus lacaios lhos levassem para casa, dizendo que se desse esta commissão ou ao amigo ou a qualquer outro, lhe daria dois tostões, que era o mesmo que se os comprasse na ribeira; de maneira que por mostrar que a sua intenção era que os seus vassallos o imitassem, mandou que nenhum viesse ao paço com seus scabellos, porque elle os não conservava, e todos se tosquiarão, menos o conde de Villa-Flor; e porque alguns o accusaram desta especie de desobediencia, respondeu que era justo que elle os conservasse, pois lhes haviam crescido em Flandres e no Brasil entre a polvora e a balla, sabendo assim servir-se destes accidentes para metter entre a fidalguia uma nobre emulação, sem degenerar em viciosa inveja*". — *D. Luiz da Cunha*.

Depuração dos oleos pelo acido sulfurico. — Em 250 libras do oleo que se pretende depurar derramem-se 5 lib. de acido sulfurico destemperado com seis vezes o seu pezo d'agua; agite-se muito tempo a mistura para favorecer o contacto das duas substancias, e deixe-se em repouso dez a doze dias n'um sitio cuja temperatura se conserve entre vinte cinco e trinta graus de Reaumur. No fim deste tempo o acido sulfurico se terá combinado com a mucilagem e o principio corante, e os terá precipitado no fundo do vaso na fórma de flocos verde-escuros. O oleo sobrenada, limpi-

pido, sem cheiro, proprio para ser empregado nas artes e para as luzes. Tira-se fielmente com colheres largas e um pouco chatas, ou tambem transvasando-o por meio de torneiras collocadas em diferentes alturas do vaso em que se faz a operação.

Meios de communicação na França e na Inglaterra. — A Graã-Bretanha, em 1833, possuia 10:000 leguas de estradas reaes, 1:500 de canaes, 12:000 de caminhos de ferro. A França, cujo territorio é duas vezes maior, tinha sómente 1:500 leguas de estradas reaes, 500 de canaes, e 40 de caminhos de ferro.

Ha gente que toma tanto trabalho para fingir que só tracta do bem publico, que lhe seria muitissimo mais facil tractar realmente delle. — *J. B. Say.*

Modo de fazer com que as cebolas deem flor em tres semanas. — Enche-se de cal viva até o meio um vaso de flores, e acaba-se de o encher de terra de boa qualidade, em que se enterram as cebolas, como ordinariamente se practica. Conserva-se sempre a terra levemente humida. O calor que produz a cal faz levantar a terra, que se deve ir abaixando pouco a pouco, e conseguir-se-ha desta maneira a satisfação de obter, em pouquissimo tempo, e em todas as estações, as mais lindas flores.

Meio de tornar viçosas as flores murchas — A maior parte das flores murcham vinte e quatro horas depois de estarem mettidas em agua; porém podem conservar-se quasi todas muito mais tempo, se em vez d'agua fria se metterem em agua quente. Quando principiam a murchar, devem metter-se em agua a ferver de modo que lhe cubra uma terça parte da hastea; em a agua esfriando descolhe a flor e recupera o seu viço. Antes de a tornar a metter em agua fria convem cortar a parte da hastea que esteve dentro d'agua a ferver.

SEMANARIO HISTORICO.

Annos
de
J. C.

Fevereiro 13

- 1546 — Morte de Martim Luthero, frade Agostinho, nascido no condado de Mansfeld em 1483, e filho de um ferreiro. Luthero começou essa grande reforma religiosa do seculo 16.^o, que separou da igreja romana uma grande porção da Europa. O papa Leão 10.^o anathematisou as suas obras, n'uma bulla expedida a 20 de Junho de 1520, e Luthero fez queimar a bulla do papa na praça publica de Wittemberg. Os sequazes deste reformador foram primeiramente chamados luthernanos, e quando engrossaram receberam o nome geral de protestantes, por haverem protestado contra o decreto da dieta de Spira, que ordenava a conservação da fé catholica.
- 1591 — O Chingali, tyranno de Jafanapatão, é derrotado pelos portuguezes, feito prisioneiro, e trazido a Gôa, onde lhe cortam a cabeça.

19

- 1446 — Morre em Toledo a rainha D. Leonor, mulher d'elrei D. Duarte.
- 1649 — São pela segunda vez derrotados os hollandezes juncto dos montes Gararapes na capita-

nía de Pernambuco. Deixam 2000 mortos, e em poder dos portuguezes a artilharia, as bagagens e muitos prisioneiros.

20

- 1507 — Tristão da Cunha e Affonso de Albuquerque tomam e arrazam a cidade de Brava, na costa da Ethiopia oriental.
- 1624 — Nuno Alvares Botelho, depois de ter renhidos combates, desbarata no mar de Ormuz a armada anglo-hollandeza, mui superior no numero e bondade das embarcações. Os inimigos destrogados se acolhem a Surrate.

21

- 1165 — Elrei D. Affonso Henriques derrota o rei mouro de Badajoz, que vinha soccorrer Cezimbra, tomada por D. Affonso.
- 1677 — Morte de Spinosa, celebre philosopho, que uns fazem natural de Beja, outros de Amsterdam; mas que é indubitavelmente filho de um judeu portuguez.

22

- 1523 — D. João d'Eça desbarata na costa do Malabar o corsario Cutiale, que fica prisioneiro dos portuguezes.

23

- 1370 — Temporal horrivel em Lisboa: os telhados de muitas casas voaram com o vento: as portas principaes da sé foram arrancadas e levadas até o meio da igreja pelo furacão: as arvores dos arredores da cidade ficaram quasi todas com as raizes para o ar: os navios no rio desgarraram-se e despedaçaram-se uns contra os outros.

24

- 1519 — Jorge de Albuquerque accommette o sultão Geinal, usurpador do reino de Paçem, n'uma fortaleza em que elle estava. É morto o Sultão no combate; os portuguezes tomam a fortaleza, e restituem a corôa ao rei legitimo.

Tendo apparecido algumas queixas por irregularidades na entrega deste jornal, a Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis convida os Srs. Accionistas e Assignantes, que não receberem ao Sabbado, dia fixo da distribuição, para que tenham a bondade de o participar á Direcção, a fim de se darem as necessarias providencias.

☞ Rectificando o que dissemos em o n.^o 39 a pag. 27, em nota, cumpre-nos declarar que os alcoometros se vendem hoje na cidade do Porto — rua do Bom-jardim n.^o 379 L.

Erratas. — No n.^o 36 — pag. 3, col. 1.^a, lin. 21, — onde se lê — alcoometro, leia-se — alcool.

No n.^o 42 — pag. 52, lin. 10, da col. 1.^a — “Esta arvore, cujo fructo é tão util &c. — leia-se — “O fructo desta arvore, tão util &c.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua do Arsenal N.^o 55 = 1.^o andar.

LISBOA — NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE.